

Areias, 30,8,1909

Rangel:

Veiu o 5, acompanhando o Albalat. Comecei a ler este e a gostar. Não é o bestalhão que imaginei. Parei com os contos e segui com o Aulete. Dá-me mais prazer isto, além das vantagens que traz_ prazer pitoresco, variado como o de um general que assistisse ao desfile de 70 mil homens não uniformizados, cada um vestido dum jeito e lá com sua cara diferente. Outra vantagem está sendo a retificação de muitas palavras que eu *pensava* que eram uma coisa e são outra; e também já cavei 24 vocabulos que eu pronunciava erradamente. São 24 “batatas” de que fico liberto. Estou no M. O que mais aprecio num estilo é a *propriedade* exata de cada palavra e para isso temos de travar conhecimento pessoal, direto, com todos os vocabulos, um por um, em demorada, pensada e meditada vocabulação dicionarística. Só pelo conhecimento exato do valor de cada um é que alcançaremos aquela qualidade de estilo.

E quanto circunloquio, quanto rodeio, esse conhecimento vocabular nos evita! Em vez de: “F. correu os olhos em torno da mesa” como fica melhor dizer: “F. circunvagou os olhos”. Mas no uso dum vocabulario abundante torna-se mister o mesmo habil discernimento de boa aplicação que distingue os Camilos dos Camelos_ dos camelos plumitivos á Macuco, o fundador do *Profundismo*... É necessario aprender a bem gastar, como faz o rico inteligente, que gasta simultaneamente em proveito proprio e alheio, não á moda do perdulario inepto. O Macuco aprendeu um dia a palavra “apropinuar” e escreveu toda uma historia só para ter ensejo de empregar dez vezes o grande achado_ e apropinhou-se mas foi das cocheiras do Braz.

Não conheço melhor modelo que Machado de Assis. Camilo ainda me choca, é muito bruto, muito português de Portugal e nós somos daqui. Machado de Assis é o classico moderno mais perfeito e artista que possamos conceber. Que propriedade! Que simplicidade! Simplicidade não de simplorio, mas do maior dos sabidões. Ele gasta as suas palavras como um nobre de raça fina gasta a sua fortuna e jamais como o *parvenu*, o *upstart*, que começou vendeiro de esquina e acabou comprando um titulo de barão do papa.

Os Macucos adquirem vocabulario unicamente para fazer alarde da “riqueza vocabular”; os Machados, para da riqueza reunida só gastarem os juro. E, pois, espero terminar meu passeio pelo país dos vocabulos para em seguida retomar a tarefa dos contos.

Os tres tipos de “falhos desenganados” são otimos e merecedores de hipossulfito de sodio. Não os perca de vista. Achei boa a observação dos que fazem literatura na vida por impossibilidade de a fazerem no papel. Você fala nos *ratés* de Daudet meio de outiva, como quem os não

conhece pessoalmente. Se queres o *Jack*, tenho-o cá. Eles acreditavam em si mesmos, não eram desenganados, como os teus.

O Mario Roberto andou meio ligado a mim no tempo da Academia; às vezes, depois da aula, iam juntos até á casa do Silvio de Almeida, onde ele morava, e eu lhe ouvia um otimo Beethoven na penumbra da sala; tenho saudades desses dias musicais; eram um extase.

Da tua proposta acho aproveitavel uma parte: colecionamento de tipos a dois, visto como ação e local são coisas consequentes e determinadas pela psicologia dos tipos. Dados o carater deste ou daquele tipo, a ação tem que ser esta ou aquela, e o meio tambem está *ipso facto* predeterminado_ são sequencias logicas. Vamos aos tipo. Você tem facilidade em ver o tipo dentro do homem comum. Uma especie de raio X. Tambem o Ricardo é maravilhoso nisso. Instantaneamente ele capta o tipo das criaturas_ e com que finura! Grande Ricardo! Dá-me ideia daqueles sujeitos da California, especialistas em conhecer, sem outro recurso além duma rapida inspeção, se em tal sitio ha ou não ha outro. Esse faro natural de perdigueiro você tambem o tem, Rangel. Já foste podengo em outra encarnação. Associemo-nos, pois.

Num romance, quando as radículas da nervura central são constituídas por tipos discretamente pintados, de modo a não projetar sombras na coisa principal, o efeito é maravilhoso. Em *Jack*, por exemplo. Como aviva a pintura do carater de D'Argenton aqueles *ratés* secundarios que o rodeiam! Em Machado de Assis lembro-me do Dias, o homem dos superlativos, tão discreto. Às vezes o que salva um romance é isso_ esse fundo.

Ando frio com o conto. Acho um campo muito restrito, coisa só para os grandes mestres. Engano pensar que por ser mais curto seja mais facil, mais proprio de principiante. Este deve começar com um *Rocambole* e só depois de bem maduro fazer um continho. A proposito, lembro-me dum plumitivo de Pindamonhangaba, que me abordou um dia e contou da sua ideia de publicar um livro de pensamentos. E explicava: “Nós, principiantes, devemos começar pelo principio, pelo primeiro grau; coisinhas leves, *pensamentos*; depois *sonetos*; depois contos e por fim novelas e romances”. Ele andava com uma trena no bolso.

Proponho uma coisa: concatenarmos um entrecho, armarmo-lo como o arcabouço duma casa; depois vamos metendo dentro habitantes, os herois e tipos. Não sei o que sairá dessa casa a dois pedreiros_ temos que fazer a experiencia_ é o que Bacon exige. Um entrecho de romance que sempre me seduziu é o de *Bocatorta*, por causa da originalidade do desfecho_ a necrofilia do negro e a morte por afogamento no barro. Imagino-o do modo que vai no papel anexo.

Um tipo que peguei aqui: o do homem eufemico, extremamente delicado, que evita dizer as coisas como são

e usa dos mais suaves circunloquios. Não diz que F. está bebado, e sim que *está doente*, e grifa com sutil entonação o “doente”. Não diz “morreu” e sim “deixou-nos”, “descansou”. As prostitutas são as “infelizes”_ e assim por diante. Podemos dar como mãe desse homem uma dona Eufemia.

Mando *Karenina*. Livro de genio como haverá pouquissimos no mundo. E adeus.

LOBATO